Antologia de Cléia Fialho



Apresentado por

Meu Lado Poético

resumo

ESCONDIDA SOB A PELE

TUA URGÊNCIA SE DERRAMA EM MIM

VIAGEM DE DUAS MARGENS

O NÉCTAR DA TUA ESSÊNCIA

QUANDO TUA LÍNGUA ME ENCONTRA

VINHO DE PURA ESSÊNCIA

O MISTÉRIO DOS ORGASMOS

O LIVRO ABERTO DA TUA PELE

COMO MAR QUE ENGOLE A TERRA

TUAS PERNAS ENTRE AS MINHAS

LABIRINTO DA LUXÚRIA

CHUVA DE DELÍRIOS

ESCONDIDA SOB A PELE

Teu toque é brasa escondida sob a pele, corrente elétrica que percorre cada nervo, minhas mãos se tornam tempestades, desenhando caminhos de fogo em ti. Teu abraço é seda que envolve o silêncio, pele que se abre como pétala ao calor, um convite suave e feroz ao mesmo tempo, onde o tato é poesia ardente. Teus dedos são correntes que me prendem, lâminas que cortam e curam em vertigem, o contato é tempestade e calmaria, gelo que se derrete em fogo vivo. E no choque dos corpos, o mundo se dissolve em sensação, somos pele, somos brasas, somos vertigem que não se contém. Cléia Fialho

TUA URGÊNCIA SE DERRAMA EM MIM

Teu sabor atrevido pousa onde ninguém ousou tocar, abre veredas tépidas na minha pele e me faz, inteira, estremecer e florar. Escorre pelos vãos do meu querer secreto, teimoso como orvalho na alvorada, e tua urgência se derrama em mim igual promessa há tanto tempo adiada. Meu corpo é vela que tua voz incendeia, chama trêmula que só tu sabes guiar, e a tua respiração, veludo morno, me cobre, me acalenta, me faz voar. Reges em mim a música escondida, dedilhando o compasso do meu arfar, cada toque uma clave de prazer antigo que só a tua boca aprendeu a decifrar. Teu afago é artesão da madrugada, molda minhas curvas com zelo e demora, generoso na pausa que me faz suplicar, sábio no instante em que o gozo aflora. Mergulhas-me no teu rio ardente, caudal de mel que não conhece margem, e eu me aqueço nessa enchente doce que me arrasta sem pedir passagem. Vem explorar as grutas do meu segredo, atraca teu desejo no meu cais molhado, colhe no jardim da minha pele viva o botão guardado para o teu agrado. Que a noite seja nosso esconderijo, testemunha quieta do que ferve e flui, e que o sol, ao espreitar pela janela, nos ache ainda acesos ? eu em ti, tu em mim. Cléia Fialho

VIAGEM DE DUAS MARGENS

Às vezes bastava o começo lento, as minhas mãos a desenharem-te o contorno, a minha boca a passear pelos teus pontos de rendição enquanto me ensinavas o caminho dos teus suspiros. Línguas que se encontravam sem pressa, dedos que mergulhavam onde o pensamento já não entra, e um primeiro arrepio que me percorria inteira como uma onda alta a quebrar antes do tempo. Depois começava a verdadeira travessia ? de costas, de lado, inventando norte e sul, mapas inéditos desenhados por nós na penumbra, tu por cima a comandar o compasso, eu por baixo a reger-te sem que soubesses. Apertava-te com um segredo meu de dentro, movia os quadris como quem assina o nome na água, e tu respondias com um ritmo que me entrava fundo ? tão fundo que o tempo esquecia a sua obrigação. A minha gruta húmida guardava a tua tempestade, quente, pulsante, pronta para o incêndio final, e, de novo, chegávamos juntos à mesma margem, tremendo, rendidos, duas marés a desfazerem-se no mesmo verso. Cléia Fialho

O NÉCTAR DA TUA ESSÊNCIA

Sorvo o néctar da tua essência, Sorvo até a sede me consumir Lentamente, como se os lábios Flores fossem, onde o tempo Traça o mapa da existência. Desliza o néctar da tua essência Sobre os lençóis da aurora, Carícias espreitam, sutilmente, Pela janela do silêncio. Saboreio o néctar da tua essência Gota a gota, beijo a beijo, Como quem colhe sonhos Entre os dedos de um sorriso. Flui o néctar da tua essência Nos riachos do luar, Que há de mergulhar Docemente nos meus braços. Sorvo o néctar da tua essência, Devagar, com leve receio, Na surpresa dos mistérios, Copos cheios de prazer, Gota a gota, beijo a beijo. Cléia Fialho

QUANDO TUA LÍNGUA ME ENCONTRA

Estou deitada sobre o lençol fresco, as mãos presas com cuidado acima da cabeça, os pés também contidos, aberta ao calor da tarde que entra pela janela. A brisa do mar traz o cheiro de sal e mistura-se ao perfume da minha pele. Meu corpo espera. Cada músculo leve, alerta, rendido à antecipação que me percorre inteira. Tu terminas o último nó e ficas ali, apenas olhando. O silêncio pesa doce entre nós. Eu sinto o teu desejo sem que digas nada, e o meu responde, lento e inevitável. Tua boca começa pelo pescoço, desce e demora-se nos seios, beija com firmeza, depois continua a viagem cada vez mais abaixo. Quando tua língua me encontra, o mundo se estreita. Os quadris se movem sozinhos. Um gemido baixo escapa enquanto tu me saboreias com paciência, como quem bebe água fresca depois de uma longa sede. As mãos exploram, apertam, guiam. Eu me contorço dentro dos limites que tu mesmo criaste, e quanto mais contida, mais o prazer cresce. O lençol sob mim se torna quente e úmido. O corpo inteiro treme em ondas que vêm de longe e me atravessam... Tu não tens pressa. E eu, amarrada ao momento, entregue, só consigo sentir e pedir, em silêncio, que não pares. Cléia Fialho

VINHO DE PURA ESSÊNCIA

Espremo o sumo da tua carne como quem colhe uvas pesadas de sol, e desço, mulher inteira, a colina do teu ventre, molhando a língua no vale onde o suor se acumula. O teu gosto escorre-me pelos dentes, desce lento, denso, quase ritual, e eu, rendida, desenterro em cada gole um segredo teu que levo para dentro. O teu corpo abre-se em cachos sobre os lençóis, e eu, faminta, colho, mastigo, engulo sem pressa, a noite é longa e a minha sede não tem fundo ? o teu vinho é bruto, sem filtro, pura essência. Corre-me pela garganta como brasa viva, arde onde toca, marca onde passa, e bebo até não restar mais nada de ti, até seres apenas o gosto quente na minha boca. Não quero taça, nem cerimónia, quero a tua pele como único copo, quero beber-te até perder o juízo ? até que o sol nos encontre assim, nós, bêbada e bêbado de carne, ainda colados, ainda sedentos, e eu ? ainda a sugar-te a última gota. Cléia Fialho

O MISTÉRIO DOS ORGASMOS

No calor de corpos que dançam na noite, Os olhares se cruzam, a respiração espuma. Desejos emergem como a maré que submerge, Em cada toque, o mundo se dissolve em pele. Vem, traz contigo o mistério dos orgasmos, Teus lábios, um convite à perdição, Sensações que explodem sob a lua escura, Um pulsar feroz que incendeia nossa dança. A carne é um campo onde selvagem floresce, Fluindo como um rio que não conhece margens, No entrelace das almas, um verso se cria, Uma sinfonia de suspiros e promessas. Meus dedos, exploradores de cada curva, Desenham em ti paisagens de prazer, Cada sussurro é uma chama que se acende, Em teu universo, sou viajante e rei. Não há limites, apenas os ecos da entrega, Entrelaçados, como ondas à areia, Despertemos os instintos adormecidos, Na voracidade do momento eterno. Entrelaçados, seguimos o fio da vida, Teus olhos são labirintos que anseio desvendar, Cada beijo, uma cartografia do desejo, Numa espiral de paixão que não se apaga. Que o tempo se quebre sob nossos corpos, Que o universo se encolha, se contenha, Nessa dança crua, intensa e magnética, Em que somos fogo, em que somos maré. Cléia Fialho

O LIVRO ABERTO DA TUA PELE

Leio-te devagar, página após página de calor. Meus lábios demoram-se na curva suave do teu peito, onde o desejo escreve sílabas quentes e úmidas. Os dedos deslizam pelos sulcos secretos, penetrando as consoantes duras até encontrarem o fundo onde o prazer geme em silêncio. Desfolho-te inteiro. Cada beijo vira frase, cada suspiro, um verso molhado que se junta ao meu corpo no abraço apertado das noites. Chego ao fim e volto ao princípio, decorando o sabor da tua boca, o tremor das tuas coxas, o ritmo lento do teu gozo. E é sempre novo, sempre primeiro, quando te leio na pele nua que só eu sei abrir. Cléia Fialho https://sensualidadeeerotimo.blogspot.com/2026/10/o-livro-aberto-da-tua-pele.html

COMO MAR QUE ENGOLE A TERRA

As roupas espalhadas pelo chão úmido de suor e urgência. Não há paz nos meus dedos cravados na tua carne, apenas o grito preso na garganta que rasga o silêncio. O vento lá fora uiva, mas o único ritmo que conheço é o tranco seco do teu corpo contra o meu. Abraço feroz, dentes que marcam, uma ânsia visceral que não pede licença para arder. O instante não é brisa mansa; é incêndio que devora. Respiração curta, saliva quente, o gozo explodindo sem aviso nas paredes da noite. O amanhã que se dane, se o que nos resta é essa voragem crua onde o meu corpo se entrega ao teu como o mar que engole a terra sem piedade. Cléia Fialho

TUAS PERNAS ENTRE AS MINHAS

Vem mais perto, com essa fome nos olhos que já me despe. Me respira, me rouba no teu peito, deixa meu cheiro te prender, te perder em mim. Me prova, sem pressa e sem escapatória, onde minha pele queima mais, onde meu corpo te chama pelo nome. Eu sou maré cheia te esperando, aberta, quente, selvagem, pronta pra te afogar e te fazer perder o ar. Se entrega, se perde, que nessa loucura nossa ninguém volta ileso. Agora me toma por inteira, com a boca que já sabe meu gosto, com as mãos que apertam minha cintura como se quisessem me marcar pra sempre. Sinto tua respiração quente na minha barriga, a língua que traça caminhos molhados até o ponto onde meu corpo treme inteiro. Não me poupa. Deixa que eu me abra pra ti como flor que desabrocha ao toque, como onda que quebra na praia quando o desejo é grande demais. Me segura forte enquanto me beijas ali, onde sou mais sensível, onde o prazer me faz arquear as costas e soltar gemidos que ecoam no quarto. Quero sentir teu peso sobre mim, tuas pernas entre as minhas, o calor da tua pele colada na minha. Entra em mim devagar, deixa que eu sinta cada centímetro, cada pulsação, cada respiração compartilhada. Me preenche, me completa, me faz esquecer onde termina meu corpo e começa o teu. Nossos corpos se movem juntos, como dança antiga que só nós dois conhecemos, ritmo que acelera, respiração que falta, pele que queima. Quando o prazer me toma por inteira, me aperta contra ti, me faz gritar teu nome, me faz me entregar sem reservas. E quando tudo termina, ficamos entrelaçados, respirando o mesmo ar, sentindo o mesmo coração bater forte, sabendo que nessa noite nos perdemos um no outro pra sempre. Cléia Fialho

LABIRINTO DA LUXÚRIA

A luxúria é um labirinto sem saída, paredes feitas de gemidos, corredores que se abrem em vertigens, onde cada curva é convite ao delírio. Caminho perdido entre teus braços, cada toque é encruzilhada, cada beijo, um portal secreto, e não há mapa que me guie. No centro do labirinto, há apenas o fogo da entrega, um altar de carne e desejo, onde nos tornamos oferenda e sacrifício. E quanto mais me perco, mais descubro que não quero retorno, pois na luxúria, o caminho é eterno, e o prazer, infinito. Cléia Fialho

CHUVA DE DELÍRIOS

A noite se abre em tempestade, chuva de delírios escorrendo pela pele, cada gota é vertigem, cada respingo, um grito contido. Os corpos se tornam nuvens pesadas, despejando segredos em torrentes, e o prazer cai como relâmpago, rasgando o silêncio em clarões. Não há abrigo, não há refúgio, apenas a entrega ao dilúvio, onde o desejo é rio sem margens e o gozo, enchente que nos arrasta. Na chuva de delírios, somos tempestade em carne viva, somos vertigem que não se contém, somos eternidade em combustão. Cléia Fialho